

É o Padre Custódio

MOÇAMBIQUE

Nota da quinzena

NESTA hora feliz que medeia duas Ordenações — saudável transfusão de sangue novo, no corpo envelhecido dos Padres da Rua; aqui, em Moçambique, onde germinou a semente de uma vocação sacerdotal que os desígnios de Deus fizeram trasladar lá de tão longe para se tornar visível — aqui e agora, Pai Américo tem sido intensamente próximo.

Aqui, a terra agreste da nossa montanha é imagem de como foi o brotar e o crescer lento e sofrido de muitas «marteladas» de «Deus que fere e consola com a própria dor que faz». Do Deus da Eternidade. Deus sem pressa, que prepara e aguarda a hora de cada um. Assim com os nossos padres, assim com as nossas senhoras, assim com os nossos rapazes e todos para quem somos! Estamos ainda muito crus na sabedoria de apanhar o ritmo de Deus e de aceitá-lo tal qual.

Agora é também ocasião de uma novidade. Sessenta anos esperámos que um dos nossos subisse ao Altar... Esse dia seria de alguma forma um

recomeçar: Um filho que toma a herança do Pai e lhe acrescenta vida com o gastar da sua, é honra dele e garantia da tradição familiar. Sessenta anos à espera... e nenhum filho lá chegou! Pois chega agora um neto, um que está na linha recta da descendência numa Obra que se tem e se quer como Família.

Aqui e agora, pois, eu sinto o sabor de um subir às origens. À terra onde foi dada à luz a vocação dos Padres da Rua e de quantos servem a Obra; à Família... a «Nazaré aonde todo o regresso é progresso social cristão». Sinto o sabor a um acto de justiça que a Providência desencadeou, este dar-nos Moçambique um padre, o primeiro africano que a Obra conta. Ela que há tantos anos se dá aos filhos de África. Um acto de justiça que há-de chamar por outros que Deus amadurecerá na hora que Ele sabe, capazes de responder à imensidão de clamores urgentes que se levantam neste imenso país.

Este acto de justiça teve um requinte inesperado que sanou definitivamente

a injustiça da confiscação e expulsão de há vinte e cinco anos. Aliás, essa injustiça foi reconhecida quando nos pediram para voltar em fins dos anos oitenta e nos entregaram a fazenda onde é hoje a Casa do Gaiato em meados de 1991. Foi a presença do Presidente Chissano. Ele entrou na Catedral antes do Arcebispo e não arredou pé senão ao fim de quatro horas, a passar... tanto durou o Pontifical da Ordenação, dada a abundância de cantares e danças e ofertórios solenes que caracterizam as liturgias africanas. Regressados a Casa, a meio da tarde, nova surpresa: Apareceu e quis tomar parte na nossa refeição, no meio dos nossos e dos familiares e amigos do novo presbítero. No fim, falou aos rapazes e pediu que aproveitassem tudo quanto a Casa do Gaiato lhes tem dado e tem para lhes dar e assim se preparassem para colaborar na construção de um Moçambique novo. E — ainda me parece impensável! — terminou com um cântico de acção de graças, que certamente aprendeu de sua Mãe, em menino, e não esqueceu: «Ó Anjos cantai comigo! Ó Anjos louvai sem fim...»

Estavam muitos seminaristas, companheiros do acabado de ordenar e de todas as dioceses do país, pois delas vêm ao Seminário Maior de Maputo

Continua na página 3

Vale a pena sonhar!

NÃO seria capaz de expressar a alegria que sinto por ser Padre e da Obra da Rua. Entregar-me ao Pai para servir os rapazes mais pobres e necessitados é tudo o que eu sempre desejei, desde o momento em que conheci a Casa do Gaiato. Para isso estudei, rezei, sofri e até chorei, mas confiante de que com Cristo tudo é possível.

Graças a Deus, no dia 11 de Junho, vi o meu sonho realizado quando fui ordenado sacerdote para o serviço da Obra.

A cerimónia de Ordenação realizou-se na Sé Catedral. Durou quatro horas e foi presidida pelo Senhor Cardeal D. Alexandre, Bispo de Maputo. Foi uma celebração bonita, rica e profunda, com gestos e símbolos africanos. Jamais me esquecerei desta celebração que marcou a minha vida. O meu coração cheio de alegria não cessava de dar graças a Deus por tudo o que Ele realizava em mim.

Durante a homilia o Senhor Cardeal anunciou publicamente que a partir daquele momento eu passava a pertencer à Obra da Rua. Essa foi uma grande vitória para mim, foi de facto o momento mais feliz da celebração. Senti que ainda valia a pena sonhar.

No fim da Missa partimos para a nossa Casa do Gaiato, onde a celebração continuou com o almoço, o canto e as danças. Tudo foi bonito e emocionante. Apreciei muito a presença do Presidente da República que falou da necessidade de fazer dos rapazes abandonados homens com dignidade e cantou um

hino de acção de graças que marcou a presença do Senhor na hora da refeição.

No almoço estavam presentes todos os amigos da Casa do Gaiato, os meus familiares e amigos.

Dou graças a Deus porque Ele ouviu as minhas orações e mais uma vez me fez acre-

ditar que quem confia em Deus não deve desanimar. Hoje sou Padre da Obra e sinto-me feliz. Acredito que Deus me chama cada dia para esta missão por amor. O que me faz seguro do chamamento de Deus nesta Obra é o facto de que, neste tempo que estou nela, me sinto feliz e, quanto mais me conheço a mim próprio, mais dou conta de que preciso desta Obra para realizar o projecto de Deus.

Agora, depois da minha ordenação, mesmo sem ir celebrar a «Missa nova» na minha aldeia, vou partir para Angola e estou

feliz pois que lá vou partilhar com os meus irmãos angolanos, enriquecer-me com as suas experiências e crescer com eles. Gosto de trabalhar com os jovens. Na sua simplicidade, eles têm muito para dar.

A todos os rapazes das Casas do Gaiato de Portugal, Angola e Moçambique, digo que vós sois o campo da minha missão. Por vocês, eu entreguei-me a Cristo. Por isso, por vocês trabalho, estudo e sacrifico-me para «fazer de cada um de vós um homem».

Padre Custódio

Esperei o Padre Horácio...

ESPEREI o Padre Horácio para a Ordenação de Diácono do nosso Custódio. A poucos dias da viagem, com uma ligeira indisposição teve de recorrer ao médico, que o desaconselhou.

Fez falta a sua presença naqueles dias. Os seus cabelos brancos, aquele olhar sereno de quem recebeu a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo das mãos de Pai Américo e ali se doou até ao fim, teriam muito peso no deslindar os entraves que eram levantados para o serviço dos Pobres, ao Custódio. Após a Ordenação de Diácono estes continuaram e graças ao desígnio de Deus têm estimulado e reforçado o amadurecimento interior da sua entrega.

Ficou decidida a vinda com Padre Carlos para o dia da Ordenação. Há tempos, falámos pelo telefone. A sua alegria cruzou-se

com a minha ao confirmar o dia da partida, para, finalmente, nesta hora tão importante para a Obra da Rua, partilhar connosco a consagração sacerdotal de mais um companheiro de trabalho. Ele que, como quase todos os Padres da Obra, vivemos a angústia de não ter *cireneus*.

Foi o Padre Manuel que, de Benguela, telefonou a participar a sua morte serena e inesperada, quando todos com ele estavam de saída para a Festa dos Gaiatos de Setúbal.

Embora ferido no coração, reví serenamente o seu semblante, o seu olhar sempre atento aos Outros, a sua preocupação de cimentar com o carinho que dispensava, na sua Casa do Gaiato de Miranda do Corvo aos encontros dos Padres da Obra, a amizade e alegria de estarmos juntos, que sempre fazia crescer.

O seu jeito familiar, que se respira naquela Casa, berço da Obra, sempre mais pequenina e aconchegante, marcaram em mim uma certa maneira de ser, embora nunca conseguida.

Aliás, ao longo da vida, nunca esqueci certa vez que me apresentou a alguém: — Olhe, este é o Zé Maria. Quem não o conhece, não dá nada por ele e quem o conhece também não. Para mim foi uma lição magistral de humildade. Não o disse com ironia, mas com um misto de bonomia e insinuação séria para que me cuidasse. Nunca esqueci e guardei como um marcador de página no livro da minha vida que, nos desígnios de Deus, espero tenha continuidade na união a que o Senhor o chamou.

Padre José Maria

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

UM DOENTE — O casal é jovem e já lhe tínhamos dado a mão em horas difíceis.

O homem trabalhava, agora, numa pequena empresa, com serviços de portá-a-porta também, cujo patrão não poderia retribuí-lo para além do salário mínimo.

Entretanto, deixou esse posto de trabalho na ânsia de ganhar mais e passou a uma especialidade da construção civil com salário um pouco mais abonado. Onde ao pobre homem surgiu, porém, uma doença alérgica. Estamos, por isso, a suprir, novamente, algumas dificuldades até encontrar, pelo seu pé, outro rumo mais adequado à sua vida.

Enfim, tornámos a dar a cana para o nosso amigo poder pescar.

A propósito, citamos uma pequenina passagem de Paulo VI:

«Na sociedade de consumo que vivemos, a pobreza não se mede apenas pelos rendimentos de que se dispõe... Há outras pobreza que têm a ver com o facto de sentir-se rejeitado pelo progresso, pela cultura, pelas responsabilidades... porque a pobreza não é só de dinheiro, mas também a falta de saúde, a solidão afectiva, o insucesso familiar e profissional, a ausência de relações, o não reconhecimento social.»

O Pobre é todo aquele que precisa da nossa mão!

PARTILHA — Assinante 47307, de Leiria, «com mais uma migalhinha que se destina aos Pobres da vossa Conferência. Contem sempre com as nossas orações e colaboração». Amizade completa.

Setúbal: «a pequena contribuição (5.000\$00), referente a Maio, com todo o carinho e amor, da 'avó dos cinco netinhos' que vos deseja as bênçãos do Senhor».

Assinante 52417, de Espinho, idem, com «pequenina ajuda para a vossa Conferência. Espero que auxilie na resolução de algum problema mais urgente».

Porto: «um pequeno donativo, da assinante 63715, para os mais necessitados. É com algum atraso que o envio e, por isso, as minhas desculpas». Delicadeza cristã!

O assinante 59525, da Maia, regulariza a assinatura «do meu grande companheiro — O GAIATO — e o resto para o

que for mais urgente. O nosso Pai Américo nos continue a ajudar». Ele está sempre à escuta — a bem dos Outros!

Barcelos: «Sou a assinante d'O GAIATO 9727. Tenho uma doença incurável e, por isso, gosto sempre de ler o vosso Jornal. Lembro também o dia em que ouvi, pela primeira vez, a voz do Padre Américo. Eu era uma rapariga fútil e encontrava-me na esplanada de Espinho. Sei que as suas palavras remexeram tanto no meu espírito que nunca mais deixei de trabalhar para os Pobres. Conheci, bem de perto, toda a miséria que se escondia nas ilhas do Porto. Hoje penso como era impossível viver lado a lado com tanta injustiça social e nada fazer para a debelar. Mando o óbolo da viúva para os vossos Pobres. Que o Senhor continue a dar-vos a força anímica para levarmos a vossa cruz.» Lembremos, minha senhora, as presenças de Pai Américo em Espinho e outros locais de veraneio, do nosso País, transmitindo a Mensagem que revolucionou as almas.

Águas Santas (Maia): «para ajudar no custeamento da despesa dos Pobres», um cheque de quinze mil, do assinante 69426.

A assinante 5963, de Paço de Arcos, presente com «a partilha de Fevereiro, Março e Abril, saudações fraternas e muita amizade» que retribuímos do fundo do coração.

Carregosa (Vale de Cambra): assinante 35161 presente com um cheque: «Todos temos a obrigação de ajudar os que mais necessitam, sem agradecimentos nem compensações. É isso que quero que façam. E podem crer que enquanto eu puder o faço com todo o amor, pois só assim me sinto melhor».

Dez mil, de Fernanda, «por alma de sua mãe».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.



Estes «Batatinhas», de Paço de Sousa, pertenceram ao elenco das nossas Festas.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — O nosso primeiro turno seguiu a 26 de Junho para Azurara. Agora, a nossa casa está arranjada. Por exemplo, os baloiços, porque foram pintados, estão como novos.

O grupo mostra-se contente por apanhar sol na praia e banhos de água fresca, no mar. Uma maravilha!

Dantes, quando a gente andava por lá, não tínhamos nada disto. Nem piscina nem praia...

AMEIXOEIRAS — As ameixas estão a ficar maduras, mas são para a nossa sobremesa.

Algumas são vermelhas, outras amarelas. É uma fruta deliciosa!

PORCOS — Uma porca deu à luz 12 porquinhos. E temos outras que esperam mais filhos.

Serão abatidas algumas cabeças para a nossa festa, em Julho, dia de Pai Américo, de todos os gaiatos e «Missa Nova» do Padre Manuel Mendes.

FUTEBOL — Os juvenis defrontaram, no sábado, 10 de Junho, uma equipa de Gondomar. Vencemos por 4-2.

À tarde, os juniores jogaram com outra da mesma colectividade. Ganhámos por 5-3.

Agradecemos ao treinador, Alberto Resende, por nos conseguir equipas para jogarmos. Ele é que nos treina. Ele faz tudo o que é necessário, para nós, neste mundo do futebol.

Filipe David

FESTAS — As nossas Festas chegaram ao fim. Acho que todas as pessoas, principalmente os jovens, gostaram do espectáculo.

A participação dos rapazes é útil para o seu desenvolvimento pessoal e para toda a comunidade.

A todas as pessoas que nos acolheram com tanta amizade, o nosso muito obrigado e até ao próximo ano, se Deus quiser.

MÚSICA — Há muito que o Quintino, nosso organista, ansiava ter um órgão litúrgico para a santa Missa. Como os nossos irmãos do Tojal tinham um a mais, foi realizado o seu sonho de que todos beneficiamos.

«Melão»

Antigos Gaiatos de Malanje

O NOSSO ENCONTRO — Crescemos na bela aldeia do Kulamuxito, entre os passarinhos, frutos puros, tanto sol e o olhar sereno de um cruzeiro que completa a bonita paisagem da nossa Casa do Gaiato de Malanje.

Para voltarmos a sentir o contacto directo com a Natureza, para respirarmos a tranquilidade entre as árvores e ouvir o silêncio na clausura vegetal, vamos iniciar, no Lar do Gaiato de Coimbra, o nosso convívio no dia 9 de Setembro, às dez horas. Após pequena reunião, decidiremos onde prosseguir o próximo, que poderá ser em Miranda do Corvo, no Buçaco ou no Choupal do Mondego.

Se esquecermos o passado, a nossa infância e educação, esqueceremos também o nosso

Padre Telmo e a Casa do Gaiato de Malanje. Pai Américo procurava os rapazes da rua para os libertar da pobreza, da rua, e a maravilha que ofereceu foi a grande família da Obra da Rua.

Quando o vento chegar às matas de Coimbra, nós queremos voar para nos juntarmos às pétalas das nossas rosas que ficam do outro lado do Oceano Atlântico, onde as crianças nascem, crescem e morrem com o horror de uma guerra de adultos ambiciosos que esquecem os bens humanos e apenas querem os materiais.

Que as pétalas das nossas rosas abracem, neste encontro, uma pequena reflexão sobre o enorme esforço que os Padres da Rua fazem para que milhares de crianças tenham uma vida familiar digna e respeitada.

Deus chamou o Padre Horácio. Por sentirmos, todos nós, de forma profunda e sincera a perda desse pai, desse amigo e companheiro de muitos dos nossos convívios, vamos aproveitar este encontro para prestar, em conjunto, uma homenagem sincera ao Homem que viveu toda a vida a defender as Crianças e os Pobres. Um pai de centenas de rapazes cuja figura ficará assinalada na memória de quem teve a felicidade de com ele conviver.

Até dia 9 de Setembro, no Lar do Gaiato de Coimbra, a partir das dez horas.

Manuel Fernandes

Bem!

Estas roseiras
E trepadeiras
São de aldeias
Elas pertencem
Ao local do Bem...
Onde crescem!

Posso colher uma rosa?
Devo escurecer a aurora?
Tenho de impedir a cobra
De engolir o pássaro?
Quem arrebatou a água?
São de aldeias?
Elas pertencem
Ao local do Bem...
Onde crescem!

Manuel Amândio

RETALHOS DE VIDA

«Capitão»



Eu chamo-me Néelson Manuel Barreta Martins, conhecido por «Capitão».

Nasci a 4 de Maio de 1983, em Castelo de Vide.

Tenho, por isso, 17 anos; e vim, para cá, com 12. A minha mãe não tinha condições para me ter em casa... E eu tinha uma vida triste: andava, por lá, a pedir na rua.

Houve então uma senhora que me encontrou e perguntou:

— Queres ir viver para a Casa do Gaiato?

Eu disse que sim. Depois, ela trouxe-me para Paço de Sousa.

Frequento, agora, o quarto ano de escolaridade e, quando for grande, gostaria de ser polícia.

Néelson Martins

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 65.100 exemplares.



Equipa de futebol da Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

Crianças felizes

HÁ grande algaraviada lá em baixo. É o barulho próprio das crianças quando saem da Escola. Por sinal, é o grupo dos mais pequeninos que frequentam a pré. Gosto de começar estas notas com a nota da alegria. Tenho-vos falado de muita tristeza: da situação alarmante e catastrófica em que se encontram milhões de pessoas a caminho da morte pela fome e pela doença — se não houver quem lhes dê a mão. É verdade!

Ontem, Domingo de manhã, saí com um grupo de pequenos, em nossa *Toyota*, felizes como passarinhos ao lado da mãe, e subi alguns morros até ao cimo. Que espectáculo lindo! Ao lado, um pouco abaixo, três pastores apascentavam um pequeno rebanho de 300 ovelhas. Era uma manhã de cacimbo soalheiro, a lembrar o sol do Outono europeu. As ovelhas são nossas. Começámos com meia dúzia. Vi, noutros tempos, os morros cobertos de rebanhos. Eram a riqueza do povo das aldeias. Eram o seu banco. Quando precisavam iam ao seu rebanho... Por isso, dá-me vontade de trabalhar mais. Dá-me vontade de fazer a verdadeira revolução com estes rapazes: Começar, quase do zero, e semear, semear sem olhar a resultados económicos e financeiros porque o lucro está nas pessoas de cabeça erguida, que ainda acreditam na Paz. A revolução verdadeira é a do Amor, que passa necessariamente pelo perdão e não pela vingança. Pelo perdão, sem limites.

É a doutrina do Mestre. É sublime, mas incómoda. É a única, entretanto, que liberta o povo e o faz feliz. Esta é a doutrina a semear no coração das nossas crianças. Os políticos hão-de ter isto em conta; de contrário, não são obreiros da paz. Fico triste quando ouço, em assembleias de crianças,

de jovens e adolescentes, *slogans* que incitam ao ódio, à vingança. Em vez de encurtar, o caminho da paz alonga-se mais. Gosto de ver as crianças felizes!

16 de Junho foi o *Dia da criança africana*. Cerca de mil, juntaram-se em nossa Casa. No fim da festa, alguém me dizia, emocionado, que nunca tinha visto as crianças tão felizes. Da minha parte, gostava que o dia fosse mais delas, com actividades recreativas ao ar livre e outras, ao seu gosto. A organização, porém, foi oficial, e, como é habitual, o acto político ocupou grande parte do tempo. As crianças pedem muito. Os adultos não podem ocupar o que lhes pertence. Uma grande carência é que os pais e os adultos não estão disponíveis para elas. Vejo-me aflito, é verdade, e a Teresa também com a exigência do grupo dos mais pequenos que querem muito tempo para eles. Sentem muita necessidade de carinho. Nunca souberam do amor da mãe natural nem do pai. Por isso, estas crianças e outras como estas, são um aguilhão a picar forte o coração de tantas e tantas mulheres sem vocação de mãe o que é natural em toda a mulher; e o coração de homens consagrados em quem Deus pôs o coração de pai.

Estou, neste momento, a lembrar-me do nosso Padre Custódio, ordenado, em Maputo, há uma semana, e entregue, ontem, à Obra da Rua, pelo seu Bispo, em nossa Casa do Gaiato de Moçambique. Estamos exultantes de alegria. Felizes as crianças da rua, abandonadas, que terão nele o coração consagrado de pai. Quando estas notas chegarem às vossas mãos, estaremos a gozar da sua presença em nossa Casa do Gaiato de Benguela. Bem-vindo! Obrigado!

Padre Manuel António



Carpintaria da Casa do Gaiato de Moçambique

Nota da quinzena

Continuação da página 1

terminar o seu curso Teológico. Decerto todo este inesperado os sensibilizou. A Graça tem largo campo em que trabalhar.

Que a Igreja em Moçambique seja de verdade Católica e jamais caia na tentação de julgar que é perder um Padre, deixá-lo vir para o serviço do Povo de Deus na Obra da Rua, se Deus o chama por este caminho.

Pai Américo vivia esta ânsia de catolicidade e nunca desejou que a sua Obra e os seus Padres constituíssem um Instituto canonicamente erecto. Empurrado, até por alguns Bispos, deu passos... e não chegou a nenhures. Depois da sua morte, e sob idêntica pressão, também nós tenteámos outros passos... que tive-

ram seu fim justamente aqui em Moçambique, quando, ao falar deles a D. Sebastião de Resende, lhe ouvi: «Eu não sabia dessa vontade firme do Padre Américo. Mais um motivo para a minha admiração por ele! E vocês resistam e deixem-se ficar no que são». Com esta «martelada» do Bispo da Beira ruiu de vez o «Instituto».

E, curiosamente, anda tão longe do nosso carisma qualquer espécie de instituição que até uma simples Associação de Fiéis que, há perto de vinte anos intentámos, juntando aos padres, as senhoras e os rapazes que servem a Obra, se perdeu ou jaz esquecida nos arcanos da Conferência Episcopal Portuguesa!

Padre Carlos

PAI Américo costumava dizer que «*não há rapazes maus*». Também acreditamos que é assim.

Tivemos agora, entre nós, dois adolescentes com catorze anos de idade, que vieram, aqui, passar uma semana para nos conhecerem e nós a eles.

A fama que trazem, embora não ao mesmo nível, contraposta ao comportamento que aqui exprimem, faz-nos concluir o mesmo

PASSO A PASSO

«Não há rapazes maus»

que Pai Américo concluía, ao lidar com os garotos da rua. Mas acreditamos e esperamos que a verdade da vida que vivemos, há-de fazê-los escolher outros caminhos que não aqueles que já conheceram.

Mas não nos deixemos iludir. Sabemos que no futuro os tropeções poderão acontecer. Até com contor-

nos a *atirar* para os vícios da rua. Mas acreditamos e esperamos que a verdade da vida que vivemos, há-de fazê-los escolher outros caminhos que não aqueles que já conheceram.

Para outro, de idade próxima, é pedida a nossa receptividade. Quem o apresenta, vai acreditando que, mantendo-o na família (que só lhe valoriza os aspectos negativos), e acompanhando-o na rua, um dia o rapaz vai deixar a vida de roubo em que se encontra viciado. A realidade vai demonstrando o contrário, mas a confiança nos métodos vai deixando andar a situação!

Só a maior sensatez de outra entidade, obriga a buscar outros caminhos. Contrariado pela institucionalização, mas vou...

Não sabemos se viremos a conhecer este jovem. É que há que procurar e procurar outras vias, que a institucionalização é um papão que come meninos. Talvez! Se o for somente! Se não for família, certamente!

Este rapaz está abandonado. A família de sangue já não é capaz de ver nele um filho, mas antes um empecilho. A rua, onde se abriga, só lhe pode dar aquilo que tem para oferecer aos seus: o que não é seu! Então, o fora de

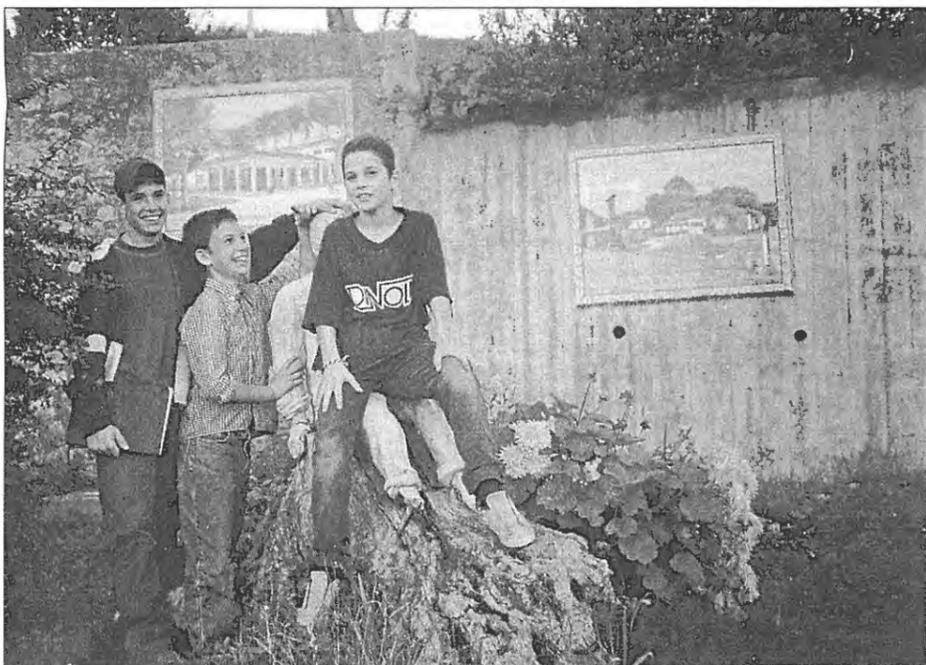
lei, encontra o ambiente propício — tudo é dele e nada lhe pertence...

Só uma família, autêntica, o pode ajudar a reencontrar-se. Não uma de aluguer que se cobra pelos serviços que presta, mas uma que se dá sem nada querer receber em troca. Mesmo que legalmente se enquadre na figura

da instituição-lei, a quanto obrigas!

Também este jovem, como milhares por esse País fora, não é, certamente, um rapaz mau. Dêem-lhe o aconchego humano que precisa com olhos marejados na Dor que redime, e mais um se salvará!

Padre Júlio



A sua Casa é Miranda do Corvo — berço da Obra da Rua.

Festas

Setúbal

1 de Julho — 21.30 h, Grupo Desportivo e Recreativo de SESIMBRA.

8 de Julho — 21.30 h, Luísa Todi, SETÚBAL.

PENSAMENTO

Nós somos médico das almas; temos a missão de evangelizar os Pobres.

PAI AMÉRICO

Setúbal

A Carmita serviu os mais Pobres

A Comunidade Cristã da Quinta do Anjo, do concelho de Palmela, celebrou de forma simples e religiosa o vigésimo aniversário da passagem da Carmita para o Céu no dia 20 de Maio.

Juntou-se-lhe o movimento apostólico dos Cursos de Crisandade da Diocese de Setúbal e mais alguns cristãos conhecidos e amigos. Não foi possível estar presente como desejava.

Como não vi nem ouvi, quaisquer notícias ou reflexão nos *media* religiosos ou cristãos, achei que devia pegar no tema *Carmita* e trazê-lo, de novo, às páginas d'O GAIATO.

É que a Carmita bebeu n'O GAIATO muito da sua vida evangélica, e nele se inspirou para assumir a sua vocação *virginal* de mãe solteira.

Estou a vê-la, encostada à bicicleta de pedais em que se deslocava, a dialogar comigo sobre o que pensava fazer da sua vida. Tinha então 21 anos de idade.

A sua paixão por Jesus Cristo manifestava-se tão firme como voraz. Era preciso evidenciar o amor de Cristo pelos homens de forma convincente e irrefutável. Ela dispunha-se a fazê-lo com a sua vida — sendo mãe de crianças sem família. Não na Casa do Gaiato, mas na sua própria casa. Governando-se com o seu ordenado de escriturária e mantendo a família como uma mãe pobre. Como algumas mães que ela conhecia e como outras que O GAIATO lhe revelava. Ser pobre como a Pobre de Nazaré.

O Espírito de Deus conduziu-nos por caminhos humanos. O que ela sonhava ser, começou a senti-lo e a saboreá-lo. Entreguei-lhe uma criança com 15 dias,

moribunda, que ela salvou no seu colo durante três meses a caminho do Hospital de D. Estefânia, em Lisboa.

Com o menino nos braços, em vivência contínua, nas difíceis circunstâncias descritas, a Carmita aprendeu por experiência efectiva o que é ser mãe. O que é sofrer as dores da maternidade de forma real e viva, gerando na dor do coração para se assumir melhor o estado maternal.

Depois, dei-lhe mais duas meninas que ela, de coração aberto, acolheu como suas filhas. Uma de cada vez, com intervalos mais ou menos de um ano e meio.

Por ela própria, perto da Quinta do Anjo encontrou mais três irmãozinhos desamparados dos quais fez filhos de adopção.

Debruçou-se de forma heróica e humilde em muitas actividades apostólicas e até políticas. Impressionava pela convicção e pela humildade.

A Igreja de Setúbal ficou a dever muito à sua acção e influência nas décadas de sessenta e setenta. Nos Cursos de Crisandade o seu testemunho profético entrava forte nos corações mais empedernidos.

Não era mal que os santos e as santas desta Igreja, para edificação nossa, fossem exaltados no Jubileu que se celebra.

Sobre a sua figura e magnanimidade escreveu o próprio irmão um pequeno livro — *«Alguém que agarrou o Evangelho»*, muito pouco divulgado e, mesmo assim, escrito com a limitação natural de quem fala da sua família.

Quis o Espírito do Senhor que ela provasse bem o Mistério Pascal no sofrimento físico e moral de uma doença incurável.

Pequenina, como sempre desejou, viva, contínua e arrebatadamente ser-

viu os doentes oncológicos, animando-os, dando-lhes sempre a primazia e servindo-lhes o optimismo da fé, da alegria e do amor.

A sua Teologia foi sempre experiência e nunca teoria. Transcendeu-se em todas as circunstâncias, na simplicidade evangélica de quem acredita que servir os Outros é servir a Deus, e que a Deus só ama quem ama os seus irmãos.

Ainda irei a tempo de lembrar a grandeza e a actualidade da Carmita nesta Igreja de Setúbal em duplo Jubileu?

Que a mediocridade e o calculismo de uma religião a metro não apaguem esta luz fulgurante que só desejou esconder-se, mas se alcançou no pináculo do templo de uma cidade situada no alto de um monte.

Comunidades atentas e empenhadas

NESTE ano jubilar há iniciativas que merecem exaltação.

Uma comunidade quis saber quantos deficientes existiam na freguesia.

A surpresa agigantou-se: é que, quando se julgava que o número não ultrapassava as duas dúzias, encontraram 56. E alguns em que circunstâncias?!

É belo saber que os cristãos, além de atentos e empenhados, procuram os mais carentes e pequeninos para neles verem o seu Deus e O servirem de todo o coração. Assim se faz luz, e se cria e recria o *Júbilo!*

Outra: um Pároco à frente de duas grandes freguesias trouxe o seu povo à Sé. Uma paróquia de cada vez. Depois, conduziu-o à Casa do Gaiato onde passaram cada, uma tarde de convívio com os rapazes e uns com os outros depois de ouvirem uma palavra sobre a novidade da Obra da Rua: Uma Obra que está onde não há ninguém, e o amor de Deus pelos mais pequeninos se torna visível.

Padre Acílio

DOCTRINA



Ai Porto, Porto, quão tarde te conheci!

A cidade do Porto, quão tarde te conheci! Dez anos de trabalho na cidade de Coimbra, a pisar rigores do tempo, das críticas, das humilhações, dos perigos de toda a sorte; a subir aos púlpitos, a entrar nas moradas, a falar nas ruas, a levantar por toda a parte o pregão do Pobre! Não estou cansado nem arrependido. Não me queixo de ninguém, que ninguém me deve nada, sim. Mas, ai Porto, Porto, quão tarde te conheci!

Os verdadeiros servos dos Pobres devem-se a todos totalmente e agradecem, por amor de Deus, tudo quanto lhes queiram dar. Em Coimbra recebi o muito, recebi o pouco, recebi o nada; e trabalhei consoante, sempre contente e livre como convém aos filhos de Deus. Foi somente a paixão de voar mais alto que me levou a procurar novos climas; que não um virar de costas ou mostras de aborrecimento. Não quero mal a ninguém. Só tenho pena que a Cidade dos doutores não tenha compreendido e que deixe morrer à míngua a Casa do Gaiato de Coimbra. Os poucos que me dão a mão, não podem suprir a falta dos que me deixam cair. Nem se diga que no Porto há mais dinheiro, que Obras destas não vivem dele, mas sim somente de amor. Ai Coimbra, que não sabes amar!

A Casa do Gaiato do Porto é hoje o filho mais novo da Cidade e, como tal, o mais encarecido. As mães cristãs multiplicam-se sero se diminuírem; o último filho no tempo é o primeiro no coração delas. Assim também a Cidade do Porto, Mãe de Misericórdia, sem se diminuir, estende os seus braços a mais este filho que é menina dos seus olhos por ser o último a nascer.

MORRERIA de pena por ter chegado tão tarde se as horas de Deus se medissem pelo tempo. Porém, como estão fora e acima da nossa medida, digo que cheguei a tempo. Cada um dos portuenses tem afirmado, por si mesmo, que deseja tomar parte na campanha a favor da Criança sem família. Querem fazer sua esta Obra. Ele é nas igrejas, ele nas ruas, ele nos teatros, por cartas, por encomendas, de viva voz. São cachoeiras de fogo em palavras de sangue quente que dizem por toda a parte: «presente»!

NÃO se trata de entusiasmos; é antes compreensão. Têm havido disputas: «O que na minha casa se produzir, não dou licença que outros ofereçam!» Não se trata de fogo do ar! No Teatro S. João, por haver só uma salva a receber esmolas, fôrrou-se bicha que durou quinze minutos. Bichas para receber, são todos os dias. Para dar, só as das contribuições no derradeiro dia, por medo que não por amor. Para cima de vinte e dois contos em pequeninas parcelas — cada uma sua declaração de amor. Assim ama a cidade do Porto!

O. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

sentido no que há para fazer. Na sala de trabalhos manuais é exímia no que consegue e estimula as demais companheiras à perfeição.

Aos poucos vai dando sentido ao seu viver. Vive e realiza-se.

O mal não tem explicação, por vezes. Muitos o têm tentado perceber, sobre-naturalizar, mas poucos tentam a libertação dele através daquilo que podem fazer em favor de si mesmos e dos

outros. O corpo é estorvo nestas alturas, mas o espírito que pensa, deseja e ama é o bem maior que resta e que faz ultrapassar todas as barreiras.

Dar sentido à vida é orientá-la para algo de mais-valia, mesmo sobre os alicerces da fragilidade humana.

O melro continua feliz a piar para o bico-de-lacre e a dar uma lição de saber viver.

Padre Baptista

CALVÁRIO

Dar sentido à vida

ONTEM, ao subir a escadaria interior da Casa, deparo com um melro ainda mal coberto de penas, encostado à porta do escritório. Já sabia da existência do ninho, ali perto, nos ramos da glicínia, que envolve a varanda medieval. Percebi logo que o melro apanhou a mãe distraída, saiu do aconchego e veio ensaiar os primeiros passos.

Peguei nele, leve e fofo, e coloquei-o na gaiola do bico-de-lacre que temos na cozinha. A recepção não perturbou o morador.

Hoje, pela manhã, ao abeirar-me das aves, ouço o melro a piar de contente para o companheiro. Ensaia uma melodia simples mas reveladora de contentamento. O melro podia lamentar-se e ficar triste por ter perdido a liberdade no espaço exíguo que habita.

Mas não. Aceita a sua condição e revela-o no seu piar monótono. Em circunstância alguma se deve perder a alegria de viver, mesmo em cativo e por isso o melro canta despreocupado.

Ao olhar para estes seres frágeis, mas felizes, lembro-

-me duma doente que aqui temos.

Esta Maria era saudável nos primeiros anos da sua vida. Cedo começou a perder as forças e o andar. Reumatismo crónico apoderou-se do seu corpo que foi entorpecendo lentamente. Entretanto, a mãe, único amparo que possuía, faleceu. E sem ninguém veio para nossa Casa, há longos anos. A seu lado vivem outras criaturas dependentes como ela.

A vida desta rapariga, tolhida muito cedo na sua saúde, parece não ter mais sentido. É castigo sem crime. Naturalmente podia queixar-se, revoltar-se, interrogar Deus. Era natural que assim tivesse acontecido, mas não.

Começa por encontrar quem a aceita como ela é e a estima apesar de tudo. E pouco a pouco vai-se apercebendo dos males dos outros, muitas vezes mais limitados e frágeis. E descobre que pode ajudá-los com a sua presença, com os seus conselhos. Na sala de dormir dá recados e pareceres. Toma



Amizade recíproca. É assim no Calvário.